Direção editorial: Ana Kelma Gallas
Diagramação: Kleber Albuquerque Filho
Editor OMP: Eliezyo Silva
Imagem da capa: Karine Gallas

LESTU PUBLISHING COMPANY
Editora, Gráfica e Consultoria Ltda
Avenida Paulista, 2300, andar Pilotis
Bela Vista, São Paulo, 01310-300, Brasil.
(11) 97415.4679 | editora@lestu.org | www.lestu.com.br

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G641 GONTIJO, Fabiano.
Corpo, sexo, gênero: estudos em perspectiva / Fabiano Gontijo (Org.). — São Paulo, SP: Lestu *Publishing Company*, 2021.

273 p. *online*
ISBN: 978-65-996314-2-9
DOI: https://doi.org/10.51205/lestu.978-65-996314-2-9

1. Identidade de Gênero. 2. Teoria *Queer*. 3. Sexualidade. 4. Corpo. 5. Sociologia. I. Autor(a). II. Título. III. Lestu. IV.

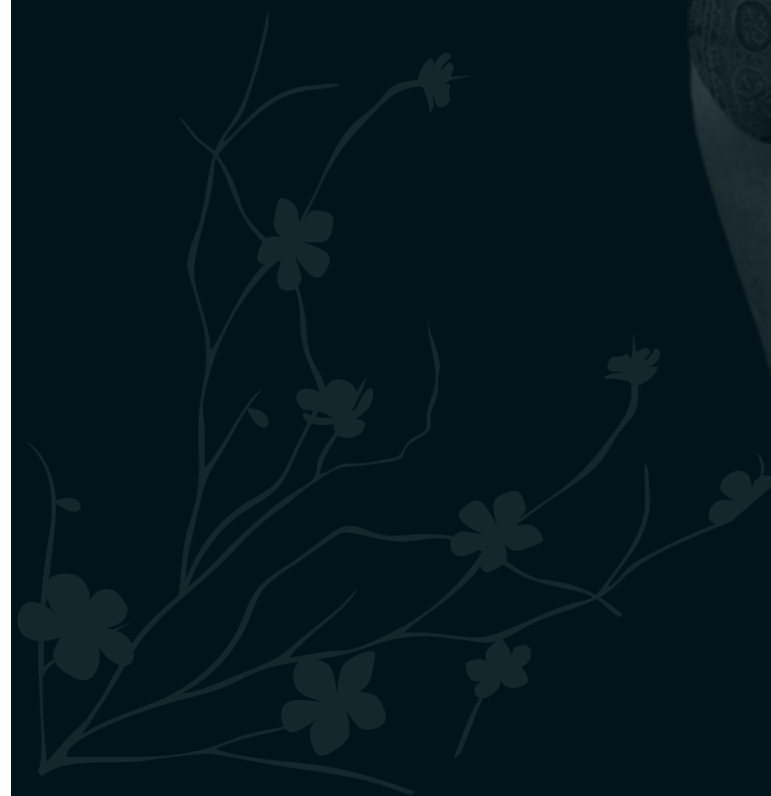
CDD: 306.7

Índices para catálogo sistemático:
1. Gênero e sexualidade: Aspectos sociais: Sociologia: 306.7

FABIANO GONTIJO
[ORG.]

CORPO, SEXO, GÊNERO

ESTUDOS EM PERSPECTIVA

3

Habitus, performances e construção de afetos na noite gay em Belém do Pará

José Carlos Almeida da Rosa[1]

Não se trata de uma simples peça de roupa: os primeiros tensionamentos antes de chegar na "balada"

Noite de sábado na capital paraense, Belém, e os rapazes homossexuais se preparam para mais uma noitada de dança, socialização, bebidas e flertes dentro de casas noturnas LGBQTIA+[2] da cidade. Na ocasião, optei por ir a uma boate localizada no bairro do Umarizal[3], um local voltado para frequentadores com um estilo de vida referente às classes sociais A e B, que seguem uma padronização de corpos musculosos, em sua maioria brancos, e que possuem performances consideradas "masculinas"[4].

O objetivo deste estudo foi observar e compreender os estilos de vida/habitus e criação/fortalecimento de afetos existentes entre os rapazes gays belenenses a partir das suas materialidades, seus corpos, performances, classes sociais, etnias, raças e preferência por frequentar uma boate que condiz com uma forma de consumo[5] específica e restrita a uma pequena parcela do coletivo de homens homossexuais do Norte do Brasil. Conforme conceituou Bourdieu (2007), podemos compreender o habitus como uma "(...) estrutura estruturada: o princípio de divisão em

---

1 Doutorando em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGA/UFPA). E-mail: jcarlosalmeida.rosa@gmail.com.

2 Termo referente a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Transexuais, Travestis, Queer, Intersexo, Assexual e outras diversas possibilidades de orientação sexual e/ou identidade de gênero. Desde os anos de 1990 a sigla vem recebendo adaptações conforme as diversas formas de orientações sexuais e de identidades de gêneros existentes.

3 Diferente de meados do século XIX e início do XX, no qual o bairro era compreendido como periférico, atualmente o Umarizal é considerado como um dos mais caros de Belém. Os antigos casarões que antes existiam no local, deram espaço a uma grande quantidade de edifícios. Durante a década de 1990, o bairro se tornou um dos principais pontos de socialização noturna com a presença de bares, restaurantes, boates e botecos voltados para as pessoas pertencentes às classes sociais A e B.

4 Esse pensamento ocorre a partir de uma matriz heteronormativa e de uma ideia de masculinidade hegemônica, no qual compreende a feminilidade de forma inferiorizada.

5 Aqui compreendo o consumo não apenas enquanto um fenômeno mercadológico, que é ativo do cotidiano, mas também como um hábito que intermedia relacionamentos, constrói identidades e possibilita um mapeamento cultural, conforme abordou Mary Douglas e Baron Isherwood (2004).

classes lógicas que organiza a percepção do mundo social é, por sua vez, o produto da incorporação da divisão em classes sociais". (p. 164).

Esse habitus entendido como algo sistemático e universal, funciona tanto como um princípio gerador de práticas, como também é referente a um sistema de classificação. Segundo o autor, os estilos de vida são "os produtos sistemáticos dos habitus que, percebidos em suas relações mútuas segundo os esquemas do habitus, tornam-se sistemas de sinais socialmente qualificados - como "distintos", "'vulgares", etc". (BOURDIEU, 2007, p. 164).

Antes de chegar na boate, fiz uma breve pesquisa para saber sobre quais os tipos de vestimentas, calçados e marcas os frequentadores costumavam usar. Para isso, contei com as informações de amigos que anteriormente haviam frequentado a casa noturna, assim como observei as redes sociais digitais das pessoas que iam ao local todos os finais de semana, pois, nesse caso, não se trata de uma simples peça de roupa.

No início, esse cuidado e preocupação em relação a escolha das indumentárias pode parecer algo fútil, mas como reitera Isadora Lins França (2010), as roupas desempenham um papel importante dentro das sociedades, pois classificam sujeitos e definem aproximações e distanciamentos entre indivíduos em um determinado contexto. Assim, o fato de usar peças que não eram adequadas com o local, poderia dificultar a minha abordagem dentro de campo junto aos meus interlocutores, uma vez que essa materialidade é de fundamental relevância para eles e na construção/fortalecimento dos seus laços sociais.

Desde o momento que antecedeu a minha chegada na boate, compreendi que havia determinados estilos de vestimentas, calçados e marcas que poderiam ou não fazer parte daquele cenário. Isso remonta a ideia de Daniel Miller (2013), que em seus estudos sobre as indumentárias em Londres observou que a escolha de uma roupa não está baseada em uma opção do indivíduo, mas sim no que o outro vai pensar e comentar sobre essa escolha. Tudo isso gera uma situação de ansiedade em quem está usando a roupa. Ou seja, muito parecido com o medo/incômodo que tive em escolher o "look errado" para a ocasião.

Naquela primeira noite optei por um traje esporte fino com cores neutras, algo que não chamava atenção, porém, tal preferência de vestimenta poderia ser facilmente utilizada em um evento que demandava mais formalidade, diferentemente de uma boate lotada. No entanto, esse era o estilo que os frequentadores da casa noturna usavam. Conforme diz Regina Facchini (2008), a noção de estilo está

relacionada a uma forma de comunicação, lazer, seja no que diz respeito as indumentárias, a predileção por um estilo de música, as atitudes em um determinado local público, entre outros exemplos, no qual o único objetivo é o de ser visto.

Além das vestimentas, a necessidade de exaltar os seus corpos musculosos, o consumo de bebidas caras, o ato de fumar a essência do tabaco em um dispositivo de narguilé[6] e a forma como aqueles rapazes performavam dentro do local, revelava com precisão essa ideia de "ser visto" e de chamar atenção do outro por meio das materialidades. Para mim, que não estava acostumado a frequentar a casa noturna, isso foi algo perceptível desde os primeiros momentos de observação. Só após as conversas que ocorreram conforme ia fazendo o campo, foi que tive a confirmação que de fato o intuito dos rapazes era exatamente esse.

De acordo com Malinowski (1976), alguns fenômenos que são de importância, não podem ser entendidos por meio de questionários ou por análise de documentos, mas sim, precisam ser observados em seu funcionamento de forma detalhada e atenta por um período de vivência em campo. Clifford (2002) destaca que a observação participante é considerada como algo sensível, uma vez que a técnica impõe que os pesquisadores possam experimentar, de forma física e intelectual, as mudanças da tradução que demandam de um aprendizado tanto da língua nativa como do estabelecimento de uma relação social por meio de conversas e outras trocas junto à sociedade pesquisada. Portanto, no início, era importante construir uma primeira leitura sobre aquele cenário, as pessoas, como se formavam os processos de sociabilidades, as formas de consumo, entre outros detalhes de campo, apenas por meio da técnica da observação. Só a partir dessa forma de familiarização com o ambiente é que pude continuar o propósito de pesquisa, na busca por possíveis respostas ou na formulação de mais questionamentos e tensionamentos sobre as vivências de homens gays na noite belenense.

"Homens padrões só costumam ficar ou se relacionar com outros homens padrões...": o uso de categorias sociais no universo do homem gay belenense

6 De acordo com o "The Tobacco Atlas" (um site desenvolvido pela ONG americana Vital Strategies e pela Sociedade Americana do Câncer e tem como proposta mostrar a situação do fumo em todo o mundo), o dispositivo de narguilé, também chamado de cachimbo de água, Shisha, Narjila, entre outros nomes, possui raízes na Índia, África e Oriente Médio. A fumaça do dispositivo usa uma fonte indireta de calor para queimar as folhas do tabaco de forma lenta, enquanto o usuário puxa a fumaça para a boca, por meio de uma câmara de água, usando uma longa mangueira. Mais informações em "Hookah Smoking", disponível em: https://tobaccoatlas.org/2018/12/19/hookah-smoking/. Acesso em 03 de setembro de 2021.

Conforme ia sendo afetado[7] dentro da casa noturna e socializava com os rapazes para conhecer melhor aquele universo, percebi a existência de categorias de classificação para os frequentadores. Em uma conversa com um dos interlocutores[8], o Gael, disse que naquele local frequentavam pessoas mais "cultas/padrões", ao contrário de outras casas noturnas da cidade ao qual ele mencionou que frequentam mais "pocs".

Além dele, outros homens gays que participaram deste estudo também citaram essas categorias, as quais percebi que estão relacionadas aos julgamentos de performances corporais, comportamentos sexuais, vestimentas e distinção de classes sociais, que impactam diretamente no fortalecimento e formação ou não de seus laços.

Diante disso, pode-se entender que os "gays cultos/padrões" são homens que têm performances e características masculinas, baseadas em um pensamento heteronormativo e por isso passam despercebidos dentro da sociedade. Seus corpos são musculosos; normalmente são pessoas que possuem um bom poder aquisitivo; alto nível de escolaridade; costumam fazer questão de mostrar que seus gostos são mais sofisticados seja no que tange: viagens, preferência por frequentar determinados locais mais caros e consumir alimentos, bebidas, indumentárias e marcas específicas.

Em relação aos "gays pocs", trata-se de indivíduos que possuem performances corporais e características referentes à feminilidade. O termo é antigo e deriva da expressão "ploc-ploc" ou "poc-poc" em referência ao barulho que os saltos altos fazem. No passado, essa classificação estava relacionada aos homens que não possuíam um bom poder aquisitivo, pertenciam às classes sociais mais baixas e o uso do termo era entendido como algo pejorativo. Com o passar dos anos isso se ressignificou e a categoria passou a ser vista como uma forma de empoderamento. No entanto, dentro deste circuito de homens gays de Belém, observei que os rapazes homossexuais compreendidos como "pocs" ainda são vistos como pessoas inferiorizadas, isso ficou perceptível nas falas dos interlocutores.

De acordo com Judith Butler (2002), esses julgamentos ocorrem porque são indivíduos que não seguem uma matriz heteronormativa que dita qual papel devemos desempenhar e performar na sociedade.

7 Aqui utilizo esse termo "afetado" a partir da ideia de Favret-Saada (2005), que compreende que o pesquisador só consegue entender de forma clara as particularidades e as relações sociais de um determinado contexto, quando ele se permite vivenciar/ser afetado pelas experiências que o campo proporciona.

8 Para preservar os interlocutores, todos os nomes que cito até o fim deste artigo são fictícios.

Uma vez que essas regras são quebradas e há uma ruptura no binarismo masculino/feminino, esses corpos são vistos como inferiores tanto pelo próprio coletivo LGBTQIA+ como fora dele. É por isso que a autora enfatiza que o gênero é performativo, porque segue normas reguladoras coercitivas, hierárquicas, que se repetem e reforçam um "imperativo heterossexual" (BUTLER, 2003, p. 156).

Essa configuração de categorias inclusivas e excludentes dentro do coletivo de homens gays de Belém não é de hoje. Desde a década de 1970, baseado nos estudos da antropóloga norte-americana Ruth Landes em 1930, Peter Fry (1982) publicou uma pesquisa seminal sobre a temática da homossexualidade existente dentro de cultos de possessão afro-brasileira, no qual foi possível perceber que a existência das classificações estava relacionada e era modificada dependendo da classe social, região do país e momento histórico.

No caso desta pesquisa, entendi que essas categorias representam um exemplo de hierarquização, preconceito e relação de poder dentro do próprio grupo de homens homossexuais que frequentam a boate no bairro do Umarizal, em Belém, no qual o consumo das materialidades, como por exemplo as suas vestimentas, auxiliam diretamente na formação dessas classificações e nos seus reconhecimentos enquanto pares.

A respeito desse processo de reconhecimento, Maffesoli (1996) comenta sobre o "simbolismo generalizado", no qual trata-se de uma movimentação de ações e retroações sem fim, ou seja, como se fosse um círculo vicioso, em que reconhecemos um signo a partir do reconhecimento de outros, e é a partir desse reconhecimento que nos unimos.

De acordo com Vale de Almeida (1996), em seus estudos sobre masculinidade hegemônica, "não basta estar com os outros homens. O que se faz com eles — beber, fumar, partilhar, conversar, competir, brincar e discutir — são actividades coercivas. E não são feitas com qualquer homem, mas sim com iguais". (p. 176). Isso ficou bem explicito na fala de um dos meus interlocutores que questionado sobre a questão do flerte dentro do local, ele respondeu que se o rapaz não for atraente, não seguir uma aparência de corpo e performances padronizadas[9], entre outras questões no que diz respeito ao uso das suas materialidades, dificilmente conseguirá se relacionar com outras pessoas. O rapaz terminou a sua fala enfatizando que "homens padrões só costumam ficar ou se relacionar com outros homens padrões. Aqui as pessoas são mais esnobes".

9 O padronizado dentro do local é o que possui um corpo musculoso e performam uma masculinidade do homem heterossexual.

Sobre esse comentário é possível dialogar a partir do pensamento de Barth (2000), que diz que os grupos étnicos atuam como um exemplo de organização social em que os indivíduos que fazem parte dele são os responsáveis pela manutenção do que é percebido como diferenciado e dicotômico do grupo. Ou seja, essa questão étnica cria desejos, prazeres, mas também o sentimento de repulsa ao que pode ser entendido como “diferente”. É justamente dessa forma que há uma conservação da não diversidade étnica dentro desses locais.

Uma outra característica que percebi durante o período de campo, é que a maioria dos rapazes que frequentam a boate são pessoas brancas. Isso revela um exemplo de branquitude presente em diversas casas noturnas para classes sociais mais elevadas em todo o Brasil. Portanto, é preciso ter em mente que isso ocorre pelo fato que a classe média no país se constituiu por meio da ideia de raça, no qual os costumes e valores estavam baseados em um pensamento branco, burguês e europeu.

Segundo Cardoso (2010), ao falar de branquitude é necessário considerar que esse é um lugar de privilégios simbólicos, objetivos e subjetivos, no qual se preserva uma ideia de invisibilidade, de um único padrão normativo. Para Priscila Elisabete da Silva (2017), a branquitude está relacionada as vantagens que os brancos possuem sobre os não brancos, seja no que tange em aspectos materiais ou simbólicos, e isso ocorre por causa da desigualdade da distribuição de poder político, econômico, social e de bens tangíveis ou não.

No entanto, a autora diz que conceituar a branquitude não é tarefa fácil, porque não se trata de um termo homogêneo, visto que no Brasil a ideia de raça se constituiu a partir dos processos de miscigenação e branqueamento. Acredito que é importante problematizar que mesmo este estudo se desenvolvendo na região amazônica, na qual há uma diversidade de povos, Cardoso (2010) diz que a brancura é um traço da branquitude, ou seja, ainda que o indivíduo não possua brancura, ele pode identificar-se como.

Uma noite no camarote: a construção de afetos a partir do marcador de classe social

Além da etnicidade, raça, questão física e biológica dos indivíduos, a estratificação de classes sociais atua de forma direta nos momentos de flerte e formações/fortalecimentos de afetos dentro da casa noturna. Logo após as primeiras inserções em campo, os tensionamentos iniciais e a formulação de breves notas sobre aquele

universo (como se estivesse montando um jogo de tabuleiro de quebra-cabeça), fiz amizade e conversei com algumas pessoas que me auxiliaram na construção da pesquisa.

De acordo com Simmel (2006), é possível compreender a conversa como uma prática banal no qual os indivíduos interagem conforme assuntos que seja comum para ambos ou sobre algo que pretendem conhecer. Os discursos que formam esse exemplo de sociabilidade possuem significados e fim em si mesmos. O autor enfatiza que “na conversa puramente sociável o assunto é somente o suporte indispensável do estímulo desenvolvido pelo intercâmbio visto do discurso enquanto tal”. (SIMMEL, 2006, p. 75).

A cada conversa e experiência que vivi com os meus interlocutores durante os fins de semana em campo, percebi que ocorria um fortalecimento dos nossos relacionamentos e com isso constituíamos afetos uns com os outros. Nessa situação compreendi que, conforme disse Maffesoli (1996), o laço social torna-se emocional a partir do momento em que criamos um modo de ser (ethos) no qual as experiências com os outros é algo essencial.

Sobre esses exemplos de afetos, Massumi (1995) diz que eles ocorrem de forma dinâmica, estão relacionados à uma intensidade que é referente a um determinado momento de experiência dos sentidos, no qual as barreiras socioculturais são rompidas e a forma/conteúdo passam a ser possíveis de codificação no instante em que são transformados em emoção. Dessa maneira, o afeto ocorre a partir das experiências vivenciadas pelos indivíduos, de forma dialógica e intersubjetiva.

Em uma das noites de pesquisa, fui convidado por um dos interlocutores para ficar em um camarote que: “era uma área paga e só subia ali quem era convidado do pagante. O local contava com serviço de garçom exclusivo e as pessoas não precisavam se misturar com quem estava na pista de dança”. (ROSA, 2021, p. 53). Foi a primeira vez que tive a oportunidade de subir naquela parte da casa noturna, ver literalmente o meu campo de cima para baixo e observar tudo o que estava ocorrendo no local. Nem preciso comentar que aqueles camarotes funcionam como um marcador de classe social que reproduz desigualdade e distinção, pois o próprio fato de ser uma área mais alta em relação à pista de dança, com privilégios como acesso pago, privado e serviço de garçom diferenciado, revela essa superioridade. As próprias garrafas de gin dentro dos baldes de alumínio com gelo em cima das mesas confirma o que estou dizendo sobre uma forma de consumo específica de um seleto grupo de rapazes gays da cidade de Belém. Assim, “os grupos se investem inteiramente, com tudo o

que os opõem aos outros grupos, nas palavras comuns onde se exprime sua identidade, quer dizer, sua diferença". (BOURDIEU, 1976, p. 5).

Conforme observou França (2010), existem algumas demandas que acompanham esses locais que reproduzem hierarquias, entre elas destaca-se: o desejo de mostrar o pertencimento a uma determinada posição social por meio do que está sendo consumido; a necessidade de se diferenciar dos outros por estar presente em um local que traz prestígio a partir de um modo de consumo das materialidades que são exibidas; e a formação de diversos tipos de masculinidades que são negociadas com a homossexualidade.

Na ocasião em que estive no camarote, conversei com o Emerson sobre os locais LGBTQIA+ de Belém e perguntei se ele gostava de uma outra casa noturna que também é conhecida no circuito gay da cidade e fica localizada no bairro da Batista Campos[10], prontamente o rapaz exclamou "Deus me livre frequentar esse local!", perguntei o porquê da repulsa e ele respondeu "o lugar é estranho, só tem gente estranha. Aqui (ele se referiu a boate do Umarizal), o ambiente é melhor, o estilo musical é o que eu gosto, as pessoas são mais interessantes".

Sobre essa questão de ter pessoas "mais interessantes", Emerson se referia, além da questão dos gostos em comum, é claro, mas também no que diz respeito às classes sociais dos indivíduos que frequentam a boate. Isso ficou evidente quando o questionei sobre as pessoas com quem ele se relacionava e a sua preferência na hora do flerte. Nessa noite, o interlocutor comentou que estava interessado em uma pessoa (nesse momento ele puxou o seu celular iPhone para mostrar o Instagram do rapaz), e disse "ele é do tipo que eu gosto, é bonito e rico (nessa hora o rapaz esboçou um sorriso), é juiz". França (2010), que também realizou um estudo em boates gays para classes A e B, de São Paulo, observou que é normal que esses rapazes se envolvam com outras pessoas de classes sociais e profissões que atuem na mesma área ou que possuam cargos de prestígio dentro na sociedade. Isso se confirmou também entre os frequentadores da boate pesquisada no Norte do país, como foi possível compreender após a fala do interlocutor sobre as suas escolhas de relacionamentos amorosos e/ou sexuais.

No caso de Emerson, além de pertencer a uma classe social elevada, ele é advogado. Logo, mostra a sua preferência por pessoas

10 Segundo Silveira e Rocha (2013), ainda que os casarões antigos, as mangueiras, a praça Batista Campos e os moradores mais velhos com as suas lembranças preservem a história do bairro, no decorrer dos anos essa paisagem tem sido modificada. Atualmente, por exemplo, o bairro pode ser compreendido como um terreno de disputa entre os edifícios residenciais e os estabelecimentos comerciais.

que também atuam na área do direito e façam parte do mesmo ciclo socioeconômico. Diante disso, compreendi que "as transgressões que envolvem diferenças sociais são bastante reguladas no universo da boate e da vida social e familiar desses homens de classe média alta". (FRANÇA, 2010, p. 119).

De acordo com Bourdieu (2007), o capital é referente ao poder que está baseado em obter possíveis ganhos em um campo, seja em relação ao aspecto profissional, grau de instrução, cultural, artístico, entre outros exemplos. Assim, ao mencionar uma profissão, que é um exemplo de marcador social, é necessário considerar também o cargo, a sua remuneração e o valor de "prestígio" ou "descrédito" que a ocupação possui dentro da sociedade.

Antes de finalizar este tópico, considerando que este espaço, o diálogo que construí até aqui e o fato da teoria etnográfica me permitir tecer este tipo de "informação", que de certa forma faz parte do campo, da constituição deste estudo e dos relacionamentos que ocorrem dentro da boate pesquisada, acho pertinente – apenas a nível de curiosidade, pois eu enquanto leitor teria o mesmo interesse de saber o fim da história, que pelo menos naquela noite dentro e fora do camarote, Emerson e o outro rapaz trocaram olhares, conversaram, porém, não chegaram a ficar.

Apesar disso, acredito que o mais importante em toda essa história foi entender como funcionam essas questões do flerte e da procura por relacionamentos amorosos e/ou sexuais na prática, pois compreendi que aquele local: "não é apenas o lugar do prazer e da multiplicação de sensações. A maneira como os diferentes grupos se distribuem nesse espaço e as autorizações explícitas e implícitas para que cada um se posicione também marcam círculos de prestígio e afinidade". (FRANÇA, 2010, p. 109).

Performances da masculinidade hegemônica durante a pandemia de Covid-19

O meu último momento em campo ocorreu em 2021, durante um período em que acredito que a pandemia de Covid-19 estava mais estável, pois ainda que existissem pessoas internadas nos hospitais se tratando da doença, os números de internações e infecções eram bem menores se comparados aos meses anteriores. Dessa forma, a situação parecia estar controlada, porém, não deixei considerar que tal período foi/estava sendo difícil para inúmeras pessoas que perderam algum familiar, amigo, conhecido ou ente querido, e passaram por momentos de dor e sofrimento do luto.

Ainda que existisse um risco tanto para mim, como para os indivíduos que convivem comigo e/ou para os rapazes que estavam dentro da boate, eu tinha a necessidade de finalizar este estudo respeitando todos os cuidados necessários, pois na época em que houve a disseminação do vírus em escala global, a pesquisa de campo estava sendo feita e a casa noturna continuou funcionando normalmente. Dessa forma, percebi que mesmo em um cenário de caos e perigo, precisava retornar ao campo e observar como os estilos de vida/habitus, os processos de sociabilidades e a formação de laços afetivos dos rapazes gays estavam ocorrendo em meio a pandemia.

Desde o início da disseminação da doença no mundo, entendia que, por mais difícil que fosse, era necessário registrar esse momento para estudos futuros. Além disso, fiquei interessado em saber como um estabelecimento que é voltado para um público de classe média alta na cidade de Belém, havia se adequado conforme as medidas sanitárias sugeridas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pelos decretos estaduais/municipais.

Logo, compreendi que, conforme comentou Segata (2020), no que diz respeito às Ciências Humanas e em específico a antropológica, o período de pandemia deve ser entendido como uma época de vivências e experiências de corpos e sensibilidades coletivas, no qual todas as experiências importam e ajudam a tecer histórias, as quais aprendemos com ela.

Esses novos aprendizados são possíveis porque a pesquisa empírica nos dá a possibilidade do fornecimento de dados que são fatos e podem ser discutidos de forma crítica, ocasionando, assim, uma renovação do saber antropológico que é aberto e acumulativo. Como enfatiza Mariza Peirano (2014), a antropologia possui uma história espiralada, o que permite que a ciência e os antropólogos pesquisadores sempre se renovem intelectualmente.

Na noite de um sábado do mês de janeiro, coloquei um traje esporte fino (que era o exemplo de vestimentas que os frequentadores utilizavam no local); na ocasião pensei em usar máscaras faciais que combinavam com as cores das indumentárias; levei um recipiente com álcool em gel 70% no bolso da calça jeans; e fui para a casa noturna. Cheguei ao local por volta das 22:00 horas, nessa noite o ingresso começou a ser vendido no valor de R$30,00 e, no decorrer da festa, conforme mais tarde ficava mais o valor aumentava. Desde o momento que entrei percebi que as pessoas que estavam lá não utilizavam máscaras. Ao mesmo tempo que isso chamou atenção, também

me deixou com medo, mas como precisava coletar as informações necessárias para pesquisa, decidi ficar.

Sobre essa exposição ao risco, como a maioria das pessoas que estavam na casa noturna neste dia eram jovens, concordo com o que disse Le Breton (2007) sobre gosto dos indivíduos mais novos pelo risco está relacionado a uma valorização pela experiência, na qual “aplicado às gerações mais jovens, designa uma série de comportamentos díspares cuja característica comum consiste na exposição de si mesmo a uma probabilidade não desprezível de se ferir ou morrer, de prejudicar o futuro pessoal ou de pôr em perigo a saúde (...)[11]”. (p. 122, tradução do autor).

Para Mary Douglas (1976), só é possível compreender o que é um risco a partir de um contexto, levando em consideração a sua perspectiva cultural, pois as formas de prevenção dizem respeito ao local em que os indivíduos estão.

Continuei a observação dentro da boate e percebi que ocorreram algumas mudanças significativas na estrutura da casa: algumas partes foram isoladas e não estavam mais funcionando, como por exemplo a primeira sala que funcionava um pub em que os rapazes tinham o costume de consumir o narguilé em conjunto, ou seja, eles compartilhavam entre si aquele instrumento, que não estava relacionado apenas ao hábito de fumar, mas também com a forma como performavam no local uns com os outros e na constituição de seus laços afetivos.

Sobre esse momento de partilha da valorização da sensação do “estar junto”, Maffesoli (1996) entende que “o fato de experimentar em comum suscita um valor, é vetor de criação. Que esta seja macroscópica ou minúscula, que ela se ligue aos modos de vida, à produção, ao ambiente, à própria comunicação, não faz diferença” (p. 28).

Essa era uma forma deles criarem e fortalecerem os laços uns com os outros, visto que a própria sala havia sido planejada para isso: os sofás do local eram confortáveis, a temperatura era fria e o aroma adocicado do tabaco ajudava a tornar o cenário mais agradável. Os interlocutores revelaram que, baseado nas suas experiências em viagens tanto dentro do Brasil como fora, ao estar naquela primeira sala, eles sentiam como se estivessem em boates de fora da cidade e do país. Logo, isso reforça as suas classes sociais e os seus estilos de vida. Ou seja, o habitus que Bourdieu (1976) menciona enquanto algo universal e sistemático que gera práticas e classificações.

---

11 “Appliqué aux jeunes générations, désigne une série de conduites disparates dont le trait commun consiste dans l’exposition de soi à une probabilité non négligeable de se blesser ou de mourir, de léser son avenir personnel, ou de mettre sa santé en péril (...)”. (LE BRETON, 2007, p. 122).

Após circular por todos os ambientes que estavam funcionando e observar como estava a boate no quesito quantidade de pessoas, conversei com alguns interlocutores sobre frequentar o local mesmo em meio a uma pandemia e a maioria dos rapazes falaram que sabiam do risco, mas que agora ele era menor, pois se infectaram logo na primeira onda da doença e, por isso, não tinham mais tanto medo. Também os questionei sobre quando decidiram voltar a frequentar o local (visto que as casas noturnas da cidade passaram um tempo fechadas), e eles responderam que no momento em que ela reabriu voltaram a ir todos os fins de semana.

Com base nessas respostas dos interlocutores, concluí que esse é um exemplo de masculinidade formada a partir de um pensamento heterossexual hegemônico que muitos desses rapazes performam, pois conforme observou Michael Kimmel (1997), em sociedades heteronormativas o gênero masculino tem um poder simbólico no qual são vistos como seres inatingíveis; privilegiados; transmitem a ideia de que o homem é/ou deve ser forte; viril; bem-sucedido; que não podem performar ou passar a ideia de indivíduos que possuem características feminilizadas, pois é algo entendido como inferior; entre outras características.

Só a partir desse terceiro momento em campo e considerando o pensamento sobre masculinidades de Michael Kimmel (1997), que foi possível observar e compreender melhor como funcionam as práticas de saúde dos rapazes gays de classes sociais A e B de Belém; o porquê da manutenção de seus corpos padronizados; as formas como performam; a não aceitação do que é considerado “diferente”; a formação de categorias inclusivas e excludentes no universo dos homens homossexuais belenenses; assim como entender o fato deles se colocarem em situações que envolvam riscos.

Considerações Finais

Atento a um estilo de vida/habitus específico de um seleto grupo de homens gays belenenses, decidi frequentar uma boate localizada em um bairro elitizado da capital paraense para compreender como se formavam os seus processos de sociabilidades e afetos a partir de marcadores sociais como classe, raça, etnia, performances corporais e materialidades, como as vestimentas, por exemplo.

No decorrer dos meses em campo, tive diversas experiências diferentes do meu mundo da vida, porém, precisei me deixar ser afetado para que conseguisse compreender aquelas vivências do grupo que estava pesquisando. Isso, no entanto, ocorreu antes e durante à pandemia de Covid-19, a qual me possibilitou repensar o campo, as formas de abordagens e os relacionamentos, respeitando, é claro, os cuidados necessários para

que eu não fosse infectado pelo vírus e, consequentemente, precisar interromper os estudos.

Neste artigo, fiz um recorte de três momentos dentro da boate: o início do campo, que foi um momento de incerteza considerando que não conhecia o local, então necessitei fazer todo um estudo antes de chegar até lá. O segundo, que condiz ao momento que tinha mais experiência no local e com isso as relações de afetos eram uma realidade, auxiliando, assim, um melhor entendimento sobre aqueles estilos de vida. E o terceiro e último, está relacionado a etapa final do estudo, momento em que apesar do caos sanitário e hospitalar em escala global, foi um período importante para a compreensão de como estava ocorrendo as vivências da noite gay belenense em um período pandêmico.

Após os meses de pesquisa dentro da casa noturna, consegui entender que mesmo que o coletivo de homens gays não seja algo homogêneo, há uma manutenção de preferências de estilos de vida, performances corporais e relações de afetos entre os rapazes que são de classes elevadas e privilegiadas, no qual quem não está inserido nessas realidades está propenso a ser excluído deste círculo. É importante lembrar que, como estou discutindo fatos a partir de uma ciência antropológica que é espiralada, conforme disse Mariza Peirano (2014), com o passar dos meses e anos, os dados ganham novos formatos, contornos e realidades que podem/devem ser lidos a partir de outras perspectivas diante do contexto em que a pesquisa foi realizada.

Referências

BARTH, Fredrick. Os grupos étnicos e suas fronteiras. *In*: **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**, p. 25-67. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. Gostos de classes e estilos de vida. Reproduzido de Bourdieu, P., M. Saint-Martin. Goftts de classe et styles de vie. (Excerto do artigo “Anatomie du goftt”.) Traduzido por Paula Montero, ***Actes de la Recherche en Sciences Sociales***, p. 18-43, 1976.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que Importan**: sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”. Buenos Aires: Paidós, 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrítica e crítica: A supremacia racial e o

branco anti-racista. **Rev. Latinoam. Cienc. Soc. Niñez Juv** [online]. v. 8, n. 1, p. 607- 630, 2010.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. Organizado por José Reginaldo Santos Gonçalves. p. 320, 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens**: uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2004.

FACCHINI, Regina. **Entre umas e outras**: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo. 2008. 323 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, São Paulo, 2008.

FAVRET-SAADA, Jeanne. "Ser afetado". **Cadernos de Campo,** n. 13, p. 155-161, 2005.

FRANÇA, Isadora Lins. **Consumindo lugares, consumindo nos lugares**: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo. 2010. 301 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, São Paulo, 2010.

FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. *In*: ____. **Para inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. p. 87-115. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

KIMMEL, Michael Scott. Homofobia, temor, vergüenza y silencio en la identidad masculina. *In*: **Masculinidad/es:** poder y crisis. Santiago del Chile: ISIS-FLACSO: Ediciones de las Mujeres, n. 24, p. 49-62, 1997.

LE BRETON, David. Anthropologie des conduites a risque et scarifications a l'adolescence. **Arquivos Brasileiros de Psicologia,** v. 59, n. 2, p. 120-131, 2007.

MAFFESOLI, Michel. 1996. **No fundo das aparências.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental.** São Paulo: Abril, 1976.

MASSUMI, Brian. The Autonomy of Affect. In: **Cultural Critique**, p. 83-109. University of Minnesota Press, 1995.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas.** Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos,** n. 20, p. 377-391, 2014.

ROSA, José Carlos Almeida da. **"Homens héteros não costumam usar esse tipo de combinação":** consumo, paisagens e sensibilidades entre gays de Belém, Pará. 2021. 125 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, Pará, 2021.

SEGATA, Jean. Covid-19: escalas da pandemia e escalas da antropologia. **Boletim n. 2** Cientistas Sociais e o coronavírus, 2020. Data da publicação: 23/03/2020 Disponível em: https://www.anpocs.com/index.php/ciencias-sociais/destaques/2307-boletim-n-1-cientistas-sociais-o-o-coronavirus-2. Acesso em 11 de setembro de 2021.

SILVA, Priscila Elisabete da. O conceito de branquitude: reflexões para o campo de estudo. In: Cardoso, L.; Müller, T.M.P. (org.), **Branquitude:** estudos sobre a identidade branca no Brasil, p. 20-30. Curitiba: Editora Appris, 2017.

SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da; ROCHA, Manoel Cláudio Mendes Gonçalves da. O bairro Batista Campos e as dinâmicas do tempo na cidade de Belém, Brasil: memórias e paisagens arruinadas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi.** Ciências Humanas, v. 8, n. 1, p. 169-182, 2013.

SIMMEL, George. **Questões fundamentais da sociologia:** indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. Gênero, masculinidade e poder. **Anuário Antropológico,** v. 20, n. 1, p. 161-189, 1996.